



Revista APMED - Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2022

REVISITANDO AUGUSTO DOS ANJOS (SUA VIDA, SUA OBRA, DOENÇA E MORTE)

Edilson Pinheiro do Egito
Membro da Academia Paraibana de Medicina

(Painel em óleo do Artista Plástico Flávio Tavares)



Por que resolvi escrever este artigo sobre Augusto dos Anjos? Resposta: por dois grandes motivos. Primeiro, porque este grande poeta, um dos maiores do Brasil e do mundo em todos os tempos, demanda que sua obra seja conhecida por um grande universo da intelectualidade brasileira e internacional, pois a sua produção é um verdadeiro clássico e a centelha deste clássico jamais se apagará. Segundo, porque detalharemos nestes escritos informações que poucos conhecem em se tratando da vida do Vate (do Poeta), da sua doença e morte e de grandes

particularidades e minúcias de sua obra. Este artigo é, na sua essência, um resumo de uma excelente Webinar, patrocinada pela Academia Paraibana de Medicina por uma feliz iniciativa de seu Presidente, Dr João Medeiros Filho. (Novembro de 2020)

Prolegômenos: dividiremos este trabalho em três partes. Primeiro, a vida; doença e morte e, depois, análise da obra do poeta Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos ou simplesmente Augusto dos Anjos.

Sua vida:

Não vamos nos estender em descrever a biografia clássica do Poeta, pois já é por demais conhecida e já foi exposta em centenas de edições. Citaremos apenas pormenores, curiosidades e outros fatos pouco conhecidos. Como todos sabem, Augusto dos Anjos nasce no Engelho Pau D' Arco, Município de Sapé (Paraíba) em 1884 e falece em Leopoldina (Minas Gerais) em 1914; portanto é um literato dos séculos 19 e 20 e só viveu por apenas 30 anos. Necessário dizer-se também que Augusto só escreveu um único livro, de título “Eu, Outras Poesias e Poemas Esquecidos”; porém sobre este livro já foram produzidos, editados, mais de uma centena de monografias, trabalhos literários, ensaios, dicionários sobre os vocábulos utilizados pelo poeta, dissertações de mestrado e até teses de doutoramento. Augusto bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (1907) e, logo após, tornou-se professor no Liceu Paraibano (de diversas disciplinas). Em sua juventude, foi um grande leitor e devorador de livros, estudando praticamente quase tudo, como Filosofia, Literatura Universal, História das Religiões, Geografia Humana, Espiritualidade, Ciências Biológicas, etc. Tinha, portanto, um conhecimento enciclopédico. Foi um grande entusiasta dos filósofos Spencer, Haeckel e Schopenhauer, dentre outros.

* De Spencer, apreende a incapacidade de conhecer-se a essência das coisas e compreender-se a evolução da natureza e da humanidade.

* De Haeckel, absorve o conceito da Monera (bactéria) como princípio da vida, e que a morte e a vida são puros fatos químicos.

* De Schopenhauer, percebe que o aniquilamento da vontade própria seria a única saída para o ser humano.

* Da Bíblia Sagrada, Augusto, que era de família católica, não contesta sua essência espiritualística. Porém, a usa para contrapor, de forma poeticamente agressiva, com alguns pensamentos positivistas/materialistas.

* Augusto dos Anjos nega a religião como algo que possa explicar o mundo. Em sua cidade natal, Engenho de Pau D'Arco, o escritor conduzia até reuniões mediúnicas e psicografava.

(Sabino, Márcia; *A QUESTÃO DA RELIGIOSIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS*, 2005)

* Augusto penetrou-se de um certo animismo, sistema filosófico de que jamais conseguiria integralmente se libertar. (Dr Humberto Nóbrega – seu Biógrafo mor)

* Afirmava categoricamente a Teoria Darwinista, “o mundo da força cósmica furiosa” (Manoel Bandeira). Portanto, Augusto era um darwinista convicto.

* Augusto era então um vacilante em religião. Sempre ávido pelos assuntos metafísicos. Não era propriamente um agnóstico, pois, em alguns de seus belíssimos poemas, a presença de Deus é bem nítida.

* Augusto apreciava então as Doutrinas Filosóficas do Monismo, do Positivismo e do Cientificismo

“Pode-se dizer, portanto, que há uma angústia metafísica em Augusto dos Anjos”.
(Manuel Bandeira)

Por que Augusto foi para o Rio de Janeiro? (1910)

- Aspirar melhorias pessoais pecuniárias, como professor, para manter sua família;
- Conseguir a edição do seu livro na capital da República e afirmar-se literalmente a nível nacional;
- Na ocasião, ainda em João Pessoa (PB) solicita ao Dr. João Machado (Governador da Paraíba na época), uma licença sem vencimentos. “Este dirigiu-me acérrimas censuras, declarando ser impossível tal concessão, com a explicação de que minha pessoa era professor interino. Então de imediato explicitarei minha exoneração” (Palavras de Augusto em carta a seu irmão Alexandre. (09/1910)

Sabe-se que no Rio de Janeiro, após aportar em 1910, Augusto morou com a família em 11 endereços diferentes e sempre em pensões ou casas alugadas e humildes. Passa então a ter sérias dificuldades financeiras. Ainda no Rio de Janeiro, chega a ensinar em alguns colégios particulares e cursinhos e também a alunos avulsos, particulares. E consegue até lecionar no famoso educandário “Colégio Pedro II”, Instituição Federal. Porém, sempre em sistema de interinidade.

Sua Obra:

Na WEBINAR da APMED, há participação Especialíssima da Dra. Socorro Aragão (Professora de Literatura) e intervenção importante do ilustre colega Dr. Manoel Jaime, editor desta Revista e também um grande estudioso augustiano.

Em qual Escola literária poder-se-ia enquadrar Augusto dos Anjos?

Alguns estudiosos e críticos literários o classificam como Barroco. Outros como parnasiano. Ainda outros como simbolista e até como pré-modernista. O poeta Ferreira Gullar o classifica como pré-modernista e define sua obra como **expressionista**. Mas, na realidade, pode-se dizer que Augusto é **inclassificável** do ponto de vista literário. Não se enquadra em nenhuma Escola. Augusto dos Anjos é Plural, é multifacetado. No dizer linguístico, é pura heterogeneidade na

singularidade. Retrata o gosto pelos temas mórbidos, pela angústia e pelo uso de metáforas, hipérboles e superlativos. Sua obra é filosofante e antilírica.

Como explicar o conhecimento enciclopédico, vasto e profundo de Augusto dos Anjos?

Possivelmente, Augusto teve acesso a grandes enciclopédias da época, muitas em idioma francês, trazidas por seu pai, Dr Alexandre Rodrigues dos Anjos. De outro modo, seria quase impossível explicar o extenso e profundo conhecimento do Vate (do poeta) em tempos tão recuados. E, em seus poemas, (mais de 48 Edições do seu Livro, contabiliza-se acima de 200 Poemas), Augusto não fala simplesmente para si mesmo e sim para a humanidade e sobre a humanidade. Logicamente, com a humanidade, acontecem situações, coisas boas e também ocorrem fatos tristes, desencantos, doenças e adversidades. Usa, na maioria de seus sonetos, versos decassílabos, com o esquema de rimas ABBA – BAAB – CCD – EED.

Sua doença e morte:

O biógrafo Dr. Humberto Nóbrega afirma categoricamente: “Augusto não morreu de Tuberculose”. O atestado de óbito do poeta, firmado pelo Dr. Custódio Junqueira, conforme reza a certidão do Cartório de Registro Civil de Leopoldina, dá como causa mortis: PNEUMONIA DUPLA. Pneumonia essa devido ao fato de Augusto ser portador de bronquiectasia (bronquíolos dilatados e ectasiados), complicação importante das bronquites crônicas. Porém, era compatível com uma existência relativamente normal. Fato relacionado é que o poeta adquiriu uma forte gripe, dias antes de sua morte, pós comparecimento a sepultamento de um amigo professor, pertencente ao colégio em que Augusto era diretor. Uma das pesquisas mais reiteradas foi a do **Bacilo de Koch** nos esputos do poeta; aliás, nunca identificado no material dos seus brônquios. Rômulo Pacheco (farmacêutico e seu concunhado), em artigo de jornal, depois de declinar o nome dos facultativos laboratoristas, escreveu: “Os repetidos exames feitos nos

laboratórios da Escola de Farmácia de Leopoldina, a cargo dos farmacêuticos Antônio Machado e Leite Guimarães, foram absolutamente negativos para o bacilo da tuberculose”. Mas, Augusto, no seu dia a dia, sentia-se como um Tísico, um portador de tuberculose, como retrata em alguns de seus poemas.

Últimos momentos no leito de morte:

Na madrugada de sua morte, o poeta achava-se calmo e bastante lúcido. Ele pede a presença do Padre Júlio Florentini, confessa seus deslizes e comunga a hóstia consagrada. E faz um gesto característico do seu cotidiano. Pega o seu inseparável espelhinho, mira-se pela derradeira vez e profere seu último e eterno pensamento: “Esta centelha não se apagará jamais”.